ANNO XV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 26 DE MAIO DE 1901 N.º 893 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 94

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

Foi em 4 de fevereiro de 1857, como dissémos, que o partido democrata mexicano fez promulgar a constituição pela qual eram extinctas as congregações religiosas. Por decreto de 13 de junho de 1859 todos os bens da Egreja foram declarados propriedade da nação. A lei organica de 14 de dezembro de 1874 completou as reformas constitucionaes.

Esta lei é verdadeiramente admiravel. Sentimos que a sua extensão não nos permitta reproduzi-la aqui por inteiro. Não obstante, o resumo que d'ella vamos fazer é o sufficiente para que os leitores fiquem sabendo como procedem contra o clericalismo aquelles que tomam sinceramente a peito defender a liberdade; como procedem os homens publicos quando teem um valor intellectual e moral differente d'aquelle que teem os que se chamam João Franco, José Luciano ou Hintze Ribeiro; como se triumpha da reacção, como se subjuga e destroe o poder do clero, da milicia de Roma, do exercito negro inimigo da patria, da familia, da humanidade.

O art. 1.º ratifica a separação da Egreja do Estado. Declara que nenhuma lei póde reconhecer ou prohibir qualquer religião, mas que todas estas ficam sob a auctoridade e a fiscalisação do Estado.

O art. 2.º garante o exercicio dos cultos em toda a Republica, punindo todavia os actos e praticas que forem attingidas pelas leis penaes.

O art. 3.º prohibe que toda e qualquer auctoridade, corporação publica e tropas formadas tomem parte officialmente nos actos de um culto qualquer, estatuindo que o Estado não faz demonstrações de natureza nenhuma em tudo que diga respeito a solemnidades religiosas. Por consequencia deixam de ser dias feriados todos aquelles que não tiverem por objecto exclusivo a celebração de acontecimentos puramente civis, continuando o domingo a ser o dia escolhido para descanço nas repartições e estabelecimentos do estado.

Vejam os leitores, vejam!

Vejam e comparem. Vejam e pasmem d'ouvir tanto farçante defender o decreto Hintze Ribeiro, de tecer encomios a esta famosa mediocridade, de chamar liberal ao parto monstruoso d'esta ratazana que se decora com o titulo pomposo de estadista!

O art. 4.º prohibe a instrucção religiosa e as praticas officiaes de qualquer culto em todos os estabelecimentos da federação, dos Estados e das municipalidades, permittindo, comtudo, que as pessoas que habitem estabelecimentos publicos de qualquer ordem vão aos templos do seu culto e recebam em casos extremos os soccorros espirituaes da sua religião nos proprios estabelecimentos do Estado. Mas n'este ponto—ceguinhos sempre!—prevê um regulamento especial os casos excepcionaes em que o funccionario publico póde pedir permissão para receber esses soccorros dentro dos edificios nacionaes e os casos em que essa permissão póde ser concedida.

Vejam lá se não é certo que gato escaldado d'agua fria tem medo! A democracia mexicana quiz levar o seu espirito de liberdade e tolerancia—e fez muito bem!—até ao ponto de ninguem ficar privado de agua benta e rezas quando as pretendesse. Mas conhecendo bem as manhas padraes, os artificios e hypocrisias do beaterio, foi logo especificando os pouquissimos casos em que o padre podia entrar as portas das casas da nação.

Já é conhecê-los e ter-lhes horror!

O art. 5.º consigna que nenhum acto religioso poderá ter logar fóra dos templos.

Assim é que é!

Consigna mais a publicação a todos os ministros sectarios e adherentes de todos os cultos, d'um e d'outro sexo, de usarem trajes, distinctivos ou insignias religiosas, sob pena de 15 dias a 6 mezes de prisão.

Como dá vontade á gente de fugir para o Mexico!

E como era certa aquella opinião do Quinet—aliás um santo!—quando affirmava que só pela violencia se podia annullar o catholocismo romano, rindo-se dos doutrinarios, dos insignificantes, dos patetas que pretendem resolver a questão pelo unico effeito e valor da propaganda!

O art. 6.º estabelece um regulamento de policia para o toque dos sinos.

O art. 8.º prohibe todas as heranças, legados, doações em favor de qualquer ministro de qualquer culto, de todos os seus parentes até ao quarto grau civil e de todas as pessoas que habitem com elle, quando esse ministro tiver prestado soccorros espirituaes de qualquer natureza aos testadores durante a doença de que estes houverem morrido ou quando tiverem sido seus confessores, guias, conselheiros ou directores espirituaes.

Admiravel! Para aqui chamamos novamente a attenção dos leitores. Vejam que senso pratico, que previdencia! E gabem-nos agora a habilidade dos jesuitas. Elles são habeis mas é com os tolos, com os farçantes, com os mariolões. Ponham-lhes homens á frente, armem-se, com leis sábias contra elles e a habilidade d'esses figurões ha de lhes servir de tanto como lhes serviu com o marquez de Pombal, com a gloriosa Revolução franceza no tempo da primeira republica e com os fortes, patrioticos e energicos republicanos do Mexico.

Não lhes elogieis a habilidade nem o valor, falsos liberaes. Calae d'uma vez para sempre a apotheose pelintra e falsa d'uma associação que vive só mercê da torpeza humana. Envergonhae-vos, que elogia-los é confessar a vossa impotencia, a vossa indignidade como cidadãos, como educadores, como patriotas, como paes de familia, a vossa incompetencia rara, a vossa suprema abjecção.

Vós, que vos dizeis liberaes!

O art. 11.º declara illicita toda a reunião onde um ministro d'um culto aconselhar desobediencia ás leis ou incitar á pratica de qualquer crime ou delicto, devendo ser desde logo dissolvida pela auctoridade. Se esse crime ou delicto vier a praticar-se em virtude de tal instigação, o ministro do culto será processado como seu primeiro auctor.

O art. 12.º estatue que todas as reuniões, que tiverem logar nos templos, são publicas, ficando submettidas á vigilancia da policia.

O art. 14.º estabelece que nenhuma instituição religiosa possa adquirir bens de raiz nem capitaes a elles ligados, salvo os templos consagrados d'uma maneira immediata e directa ao serviço publico d'um culto com os annexos e dependencias strictamente necessarios para esse serviço.

O art. 19.º declara que o Estado não reconhece ordens monasticas nem permitte o seu estabelecimento, qualquer que seja a denominação ou objecto que invoquem ou tenham em vista. Accrescenta que as ordens que se estabelecerem clandestinamente serão consideradas como reuniões illicitas que a auctoridade póde dissolver, se os seus membros viverem em commum; em qualquer caso, os seus chefes, superiores ou directores serão julgados como culpados de attentado contra as garantias individuaes, conforme o art. 963 do Codigo Penal.

Pelo art. 20 são consideradas ordens monasticas todas as sociedades religiosas cujos membros vivam com certas regras particulares fundadas em promessas, ou votos temporarios ou perpetuos e com submissão a um ou muitos superiores, ainda mesmo que todos os membros da ordem tenham residencia individual e separada.

O art. 21 supprime o juramento religioso substituindo-o pela simples promessa de dizer a verdade, nos tribunaes, e pela declaração de observar e fazer observar a Constituição politica dos Estados-Unidos mexicanos, com as suas addições e reformas, bem como as leis que d'ella emanam, nos casos politicos.

O art. 23 submette todos os cemiterios e logares de sepultura á inspecção da auctoridade civil, ainda que pertençam a emprezas particulares. Não se poderão estabelecer emprezas d'este genero sem licença da auctoridade competente, nem se poderá realisar inhumação ou exhumação sem consentimento ou ordem escripta do funccionario ou da auctoridade competente.

O art. 26 não consente contracto, pacto ou convenção que tenha por objecto a diminuição, perda ou sacrificio irrevogavel da liberdade, seja por votos religiosos, seja por outro qualquer motivo, nem que ninguem estipule a sua proscripção ou exilio. Todas essas estipulações são nullas e obrigam sempre a perdas e damnos aquelle que as acceitar.

Taes são as admiraveis leis com que o Mexico se emancipou da dominação clerical, leis similares das leis francezas do tempo da gloriosa Revolução.

Tal foi o meio empregado pelo Mexico para acabar com as perturbações continuas que o inutilisavam.

Queremos com isto affirmar que não tornará a haver no Mexico nenhuma lucta intestina? Seria absurda uma tal affirmação. As causas de discordia entre os homens são de variados feitios e origens. Mas quanto menos melhor. Mas não ha causa nenhuma perturbadora que eguale a causa religiosa. Nem que de longe se pareça com ella! Mas a verdade historica, eloquente, nitida, incontestavel, é que não ha paz, nem tranquillidade, nem progresso, nem esplendor em nenhum paiz onde predomine o fanatismo, e o fanatismo sendo inherente a quasi todas as religiões, em poucas se alastra e profunda como no catholocismo romano.

Esmagado este, em qualquer nação onde predomine, logo reapparece a paz e o progresso. Mantida a sua influencia, as nações estacionam ou definham, minadas de intrigas, atacadas na familia, base social indispensavel, afundadas na ignorancia, roidas de preconceitos, arrastadas á guerra civil, despenhadas no abysmo da perda da gloria, do brio, da consciencia nacional, da independencia e autonomia.

Vimos como a primeira republica franceza annullou o poder de Roma sem atacar os sentimentos religiosos. Vimos como succedeu o mesmo no Mexico. Veremos o que succedeu na Inglaterra. E depois de mostrarmos aos leitores como essas nações se levantaram esmagando o catholocismo, mostrar-lhe-hemos como outras decahiram espantosamente, como outras chegaram mesmo a morrer—Irlanda e Polonia por exemplo—por se deixarem dominar por elle.

Sim. Portugal e Hespanha são dois exemplos eloquentes. Mas a Irlanda e a Polonia são dois exemplos eloquentissimos. Em Portugal o catholocismo nunca chegou a adquirir tamanho predominio como na Irlanda e na Polonia. Por isso mesmo n'estes dois paizes a quéda foi mais retumbante e desastrosa.

Vê-lo-hemos. Infelizmente só podemos escrever um artigo por semana. A escrever um cada dia sobre o mesmo assumpto, tinhamos na historia, na sciencia, na philosophia factos repetidos e variados, eloquentes e incontestaveis todos, para, em trezentos e sessenta e cinco dias seguidos pelo menos, sustentar a nossa thesе.

Mas, antes de progredir, queremos chamar a attenção dos leitores para um ponto importante. E' este: o clericalismo não se mata com palavras; mata-se com actos de decidida energia.

Quinet tinha razão quando pedia a violencia. Era um santo, esse homem, na accepção lata da palavra. Caracter austerissimo, alma candida, coração generoso como poucos, nem pelo seu temperamento, nem pela sua educação era homem para defender e e amar violencias.

Pois no que toca ao catholocismo, Quinet não admittia senão a violencia como arma unica para o vencer.

Escrevendo ao seu amigo Eugène Sue, o grande romancista, formidavel inimigo tambem do clericalismo, escrevendo a Eugène Sue—*Lettre sur la Situation Religieuse et Morale de L'Europe*—dizia Quinet:

«Só ha tres maneiras de vencer uma religião. A primeira e principal é a auctoridade, é a força. Foi assim que os decretos dos imperadores catholicos extirparam á viva força o paganismo. Foi assim que os califas extirparam as religiões orientaes. Foi assim que os reis da Inglaterra, da Suecia e da Dinamarca esmagaram o catholocismo e os reis da França e da Hespanha o protestantismo. O que se póde dizer d'este processo, é que é o unico que chegou a anniquilar uma crença antiga. Todas as religiões que desappareceram da terra foram apagadas pela força e pela auctoridade; pelo contrario, nunca houve nenhuma, por mais tola, insensata e absurda que se possa imaginar, que haja sido destronada e extirpada só pela liberdade de discussão. Todo o mundo repete que a força nunca poude nada contra as crenças, e todo o mundo é testemunha do contrario.»

Claro é, nem Quinet quer a que a violencia dos democratas

fosse até á fogueira e á forca, nem deixava de reconhecer que esses processos são hoje impossiveis. Mas queria que os liberaes abandonassem em massa a Egreja, impondo-se ás mulheres e educando os filhos n'esse sentido. Mas queria que os governos annullassem a acção catholica por meios energicos e decisivos.

O que Quinet, no seu espirito lucidissimo, na funda lealdade do seu caracter, não admittia, eram os processos estupidos e hypocritas dos chamados liberaes.

«Um espectaculo a que não me acostumo é vêr um amigo da liberdade dar, pelo baptismo, o seu filho á Egreja que elle não cessa de proclamar inimiga de toda a liberdade. E não é a excepção, é a regra geral. A democracia entre nós está constituida d'esta fórma: toda a creança que vem ao mundo recebe nascendo o baptismo e o sello do inimigo da democracia. Cresce a creança; o adolescente é confirmado pelo mesmo poder hostil. Na communhão, jura ficar fiel a esse mesmo adversario que, por seu lado, lhe jura uma inimisade implacavel. Depois vem o casamento, depois a morte; e o amigo da liberdade é, desde a hora primeira até á hora final, em todas as circumstancias solemnes, a testemunha, o penhor, o discipulo, a presa e o joguete da Egreja inimiga.»

Ora tal e qual. O liberal que considera a confissão, a communhão, o baptismo, o juramento religioso, puras formalidades, é um hypocrita ou um imbecil. Quinet lá o diz tambem e teremos occasião de voltar ás palavras do grande escriptor.

Falae e escrevei contra a Egreja e ella pouco se importa com isso. Publicae decretos como o de Hintze Ribeiro e ella troça e ri-se. Mas levae os vossos filhos ao registo civil, mas não consintaes que vossas mulheres e filhas se confessem, mas estabelecei principios como esses que se contecem na lei do Mexico e vereis como a Egreja se agita e como queima os ultimos cartuchos.

Quereis um pequenino exemplo? Ahi vae. Quem escreve estas linhas é considerado, por amigos e inimigos, como possuindo opiniões inabalaveis em varios assumptos.

Pois, não obstante, junto d'elle se teem empregado as MAIORES INFLUENCIAS para não subtrahir seus filhos ao sello da Egreja. Quando elle escreve e quando elle fala, ninguem se lhe dirige a pedir nada. Mas quando leva seus filhos nascentes ao registo civil, tudo se agita, desde as MAIS ALTAS regiões burocraticas,—desde os PRINCIPES DA EGREJA, para que elle transija n'esse ponto. E repete-se o facto! E dizem-lhe francamente: «Essa conducta pouco nos incommodaria n'um cavador d'enxada ou n'outro anonymo qualquer. Em você é d'uma influencia e d'um effeito desastroso.»

E elles é que veem bem. Os liberaes que, gritando contra a Egreja, lhe submettem no entanto a familia, apregoando que isso nada vale e nada importa, não passam d'uns hypocritas, d'uns fracalhões sem imputação, ou de asnos inteiros.

Emquanto elles procederem assim, emquanto se contentarem com meias medidas ou se limitarem a meia duzia de banalidades contra ellas como fazem agora com o decreto do Hintze, é tempo perdido e papel mal gasto.

Esta é a grandissima verdade.

Força, força. Coherencia. Energia. Ponham lealmente, dignamente, a questão no seu verdadeiro campo e mantenham-n'a ahi, atravez de tudo.

E então, sim.

Agradecemos ao correspondente do *Seculo* em Aveiro as palavras amaveis que nos dirige.

THEATRO LISBONENSE

Como prenoticiámos, fizeram o seu beneficio na passada quinta-feira com a *reprise* da peça de grande espectaculo a *Ave Azul*, os actores João Rego e Alberto Vianna.

O interior do barracão estava ornamentado com festões de flôres e verdura, e a rua embandeirada e illuminada a balões venezianos.

No local, e antes de principiar o espectaculo, tocou a Banda dos Bombeiros Voluntarios, que já havia percorrido algumas ruas da cidade.

A enchente foi completa.

Todos os artistas foram applaudidos.

No fim houve chamada especial aos beneficiados, e a pequenina actriz Gabriella Santos cantou, com o seu fiosinho de voz, a conhecida cançoneta—*A's escondidas*.

Toda a plateia fez uma affectuosa manifestação á gentil e pequenina actriz.

Hontem repetiu-se a *Má Lingua* em espectaculo de beneficio de Rosaria de Jesus e Eduardo Marques.

Na quinta-feira é o beneficio do actor Victor, com o *Processo do Rasga* em que o Domingos faz rir a bom rir, e com o segundo acto dos *Sinos de Corneville*, em que o beneficiado tem um trabalho bastante digno d'apreço no desempenho do papel de Gaspar.

Boa enchente é o que lhe desejamos.

Cartas d'Algures

25 DE MAIO.

D'aqui a dias ninguem fala na questão jesuitica. Os jornaes já lhe dedicam só uma columna da sua prosa; alguns nem tanto. Não tardará que não digam uma palavra. Depois cahe tudo na *pandega* do costume.

E acabou-se? Não.

A questão religiosa é a mais grave de todas as questões que se erguem na raça latina. Por mais que tentem fugir-lhe, por mais que tentem ladea-la, ella impõe-se, e impõe-se vigorosamente, por isso mesmo que é uma questão de vida ou de morte para os povos latinos. Ou estes povos se emancipam do jugo catholico ou succumbem na grande lucta das nações. E não pódem esperar. Não póde esperar a França, onde a Republica avança correspondendo á evolução democratica ou cahe desastrosamente. Não póde esperar a Italia, que precisa de sahir da situação, por mais d'um titulo embaraçosa, em que se encontra. Não póde esperar a Hespanha que sente a necessidade inadiavel de se reconstituir para viver. Não póde esperar Portugal, que tem a consciencia dos perigos que o rodeiam.

Não pódem, não. Estas nações não pódem esperar. Os espiritos futeis riem-se d'estas previsões, encolhem os hombros e continuam na crença infinita que teem todos os asnos de que nunca se acabarão as provisões da natureza. *Para hoje ha, para ámanhã Deus dará*. Diz a imprevidencia, diz a ignorancia, diz a estupidez. Ora está provado que Deus não dá aos estupidos e aos que não teem capacidade para luctar senão canga e fome. Um ou outro terá sorte. Mas é raro. Até para jogar na batota é preciso finura, embora seja finura de ladrão. Se o ladrão não fôr fino, ou não encontra parceiros que joguem com elle ou vae parar á cadeia. Não é a sorte a primeira condição da propria batota. E' a finura, ou finura de rato, ou finura de ladrão.

Deus não quer nada com os tolos. O diabo ainda menos. Quando os tolos confiam n'elles só apanham pontapés e desastres.

Não. As nações latinas sentem a necessidade impreterivel de se civilisar para a lucta pela existencia. Cada vez mais. Essa necessidade urge de instante para instante. Mas com a estupidez do dogma, do mysterio, do milagre, com a crença no absurdo, com a pratica da hypocrisia e da mentira, com as perturbações cerebraes resultantes do fanatismo, com os attentados aos interesses da familia e da patria que resultam do predominio religioso, com as intrigas e discordias que derivam da tendencia de uma seita anti-humana a dirigir a humanidade, são impossiveis todos os progressos, é incompativel todo o espirito de civilisação.

Todas as grandes questões do progresso hão de ser insoluveis na França, na Italia, na Hespanha e em Portugal emquanto o clericalismo não fôr anniquilado n'essas nações. Questões de ordem moral, de ordem social, de ordem politica, que todas se resumem n'uma, afinal. A França ha um seculo que oscilla entre a reacção e a democracia. Mais do que uma vez esta tem sido vencida e em riscos de o ser tem estado ultimamente. A Hespanha debate-se dolorosamente n'um esforço inaudito para resurgir, sem poder. A Italia proclama abertamente o clericalismo como o maior embaraço da sua unidade e reconstituição e recia-o a toda a hora como o seu perigo mais temivel. Portugal vê que a sua situação moral se tem aggravado espantosamente nos ultimos annos, mercê da influencia de frades e freiras.

Em todas estas nações, nos mais cultos resultado do estudo, nos incultos por um instincto intelligente, entrou a convicção profunda de que é indispensavel mudar de rumo e de que essa mudança é impossivel emquanto o clericalismo não fôr esmagado. Ou vencer de vez o catholocismo ou morrer. Desenganem-se: isto vae entrando na consciencia de todos. Isto sente se na França, na Italia, na Hespanha e em Portugal. Ha poucos annos não eram muitos os que o sentiam. Hoje é a grande maioria.

As nações não progridem com a supremacia religiosa. Esta idéa penetrou e arraigou-se no cerebro de muitos. Em taes casos, pódem-se os periodicos calar, pódem-se os jornalistas vender, a dinheiro de contado, a promessas, a empregos, póde a *chantage* sumir-se e reapparecer pelos escaninhos dos seus ignobeis interesses, que a questão está posta por si e ha-de resurgir ao mais leve incidente, cada vez mais accesa e violenta.

Ha dezesete annos tive eu uma questão partidaria e jornalistica a proposito de clericalismo. Foi com republicanos, contra os quaes nunca luctei senão em virtude dos principios e por amor dos principios, dissessem elles o que dissessem e digam o que disserem. Magalhães Lima, Ernesto Loureiro, Silva Lisboa e Consiglieri Pedroso e toda a gente de Elias Garcia queriam os padres a *abençoar as arvores da republica*. Era aquelle absurdo da segunda republica franceza, que uns sustentavam por ingenuidade e ignorancia outros por refinada malandrice. Eu queria a questão posta no pé em que a ponho hoje, em que a puz sempre, porque sustentava então, como sustento hoje, que fugir d'ahi era illudi-la e, portanto, perder tempo. Fui vencido na commissão de que fazia parte. Fiquei eu sósinho.

Pouco depois, Ernesto Loureiro era empregado da confiança de Marianno de Carvalho e por fim declarou-se miguelista. De republicano e anti-jesuita passou a miguelista! Consiglieri pedroso foi para os americanos. Silva Lisboa fez o que se sabe e a gente de Elias Garcia ficou fazendo o que não se sabia que era muito peor do que fazer o peor d'aquillo que se sabia e n'esse pé continúa e continuará emquanto a raça existir.

Mais tarde João Chagas e outros dos homens do 31 de janeiro tambem defendiam a conciliação e a transigencia com os padres.

Qual foi o resultado?

Elle ahi está. O factos falam bem eloquentemente em Portugal e em toda a Europa. As consequencias d'esses procedimentos ambiguos estão patentes.

E' a eterna fraqueza e a eterna ignorancia dos taes liberaes.

E' desconhecer completamente a historia, é dar provas da mais completa parvoiçada ou da mais refalsada hypocrisia separar o jesuitismo do catholocismo e esperar que este adopte definitivamente a liberdade.

Isso é um ardil de tratantes ou uma esperança de parvos.

Ardil ou esperança que tem sido a causa unica do successo clerical e da marcha lenta da civilisação.

Bom será que d'esta vez o publico, como nos parece, não se deixe illudir e esteja preparado para a lucta que não tardará a recomeçar.

A. B.

Adriano Tinoco

Está finalmente n'esta cidade o bem conceituado photographo conimbricense, sr. Adriano Tinoco, onde se demorará 15 a 20 dias. Tem o seu atelier no largo da Apresentação, junto á officina do sr. Carlos Picado.

Pódem aproveitar todos aquelles que desejem vêr a sua verdadeira effigie.

A pobresa do papa

Andam por essas aldeias fóra uns malandrões pedindo para o *dinheiro de S. Pedro*, a prestexto da penuria a que se vê reduzido o *pae dos fieis*, o velhote do Vaticano.

Precisamente, o jornal romano *L'Italie*, abriu um inquerito sobre a *penuria* do pontifice, o qual deu em resultado saber-se que aquelle *pobre de Deus* possue uma fortuna de mais de quatrocentos e vinte e quato mil contos—ao par—o que representa uma renda annual de vinte e quatro mil contos, ou seja dois mil contos por mez o que dá a bagatella de **oitenta e dois contos e duzentos mil réis por dia!**

Uma verdadeira pobresa franciscana...

Quem quer papa, paga-o.

COMMISSÕES POPULARES ANTI-JESUITICAS

O partido republicano no Porto tem organisadas já as commissões populares por freguezias. Eis algumas:

Commissão de Ramalde:

Presidente—Antonio Fernandes.

Secretario—Manuel de Pinho e Costa.

Pódem inscrever-se, os que desejarem adherir ao movimento anti-jesuitico, em Francos, logar das Alminhas, 1. Em Pereiró, rua de Pereiró, 361 rua de João de Deus, 228.

Commissão de Lordello:

Presidente—Francisco Cardoso da Silva Maia.

Secretario—Pereira de Carvalho.

Pódem inscrever-se na rua da Arrabida, 220 e no estabelecimento do sr. Rosas Junior, rua de Serralves.

Commissão de Miragaya:

Presidente—João Pinto.

Secretario—Jeremias Carlos Teixeira.

Para inscripção, rua do Triumpho, 112 e rua de Miragaya, 20.

Commissão de Massarellos:

Presidente—Alberto Correia Peres.

Secretario—João Vicente Branco.

Para inscripção, rua da Restauração, 80—Rua do Christello, 18—Largo do Adro, 25.

A espada de lord Byron

Encontrou-se ha dias em Chicago a espada de que lord Byron se serviu quando tomou parte na guerra da independencia hellenica. O punho da espada é lindamente cinzelado, e a lamina adamasquinada com toda a arte. Vêem-se n'ella as iniciaes do poeta circumdadas de flores e d'inscripções arabes.

Esta espada tem pertencido successivamente a um official grego, a um major americano e por fim aos herdeiros d'este ultimo.

Ultimamente comprou-a um inglez que tenciona offerecel-a ao Museu Britannico.

A GUERRA ANGLO-BOER

Relata o correspondente da *Neue Frei Presse* de Vienna, uma série de episodios da guerra do Transwaal e de movimentos estrategicos dos *boeres* que os correspondentes inglezes tiveram o cuidado de occultar, que a Europa ignorava, que justificam as esperanças dos *boers*, e que explicam a negativa d'estes em acceitar as condições de paz propostas pelos seus inimigos.

O correspondente, ao dar conta de um dos mais engenhosos estratagemas dos *boers*, escreve:

«Occupavam os *boers* uma altura, que foi atacada pelos inglezes.

«Ao approximar-se o inimigo, mais superior em numero, appellaram aquelles para um estratagema, que já lhes havia dado excellentes resultados em diversos pontos.

«No momento em que os inglezes deram o signal de assalto, os *boers* estenderam os seus mortos e os seus feridos em linha recta, com espingardas nas mãos, de modo que ao avançar o inimigo suppuzesse que tinha na sua frentes um pequeno destacamento, disposto a romper d'um momento para o outro um fogo mortifero.

«Como as forças britannicas avançavam lentamente, para evitar qualquer surpreza, deram tempo aos combatentes *boers* de executarem um movimento envolvente, apoderar-se de todas as munições dos inglezes e fazerem dois mil prisioneiros.»

Em um importante combate travado cerca de Lindley, no Estado Livre de Orange, ente as forças de Dewet e do general Knox, os inglezes perderam 15 canhões e 180 prisioneiros.

Cerca de Helvetia, destruiram os *boers* o *Long-ton*, que os seus inimigos lhes tinham arrebatado. Aquelle canhão, puchado por 20 bois, figurára pouco antes em uma grande revista passada pelo general em chefe britannico.

«Quem é testemunha do que occorre na Africa; quem vê a crescente desmoralisação das tropas inglezas e o enthusiasmo dos *boers*,—escreve o alludido correspondente,—não comprehende e julga ridicula a linguagem dos jornaes inglezes, ao suppôr irremediavelmente perdida a causa dos *burghers*. Em Pretoria todos estamos convencidos do contrario. Os proprios inglezes que aqui residem crêem que está salva a existencia das duas republicas sul-africanas, e que se encontra sériamente ameaçado o dominio britannico no Cabo.

«Provocou aqui muita indignação uma carta aberta, dirigida por alguns orangenses anglofilos aos *boers* da colonia do Cabo, convidando estes a contribuir para o restabelecimento da paz. E' uma loucura affirmar que todos os chefes *burghers*, excepuando Dewet e Steijn, se acham dispostos a firmar um armisticio.

«Alguns jornaes londrinos disseram que a annexação do Orange e do Transwaal é já um facto. Pois bem: os comandantes *boers* Hertzog e Brand, se pensassem como os seus inimigos, poderiam proclamar a annexação da colonia do Cabo ás republicas.»

O mais significativo é o desdem com que os *boers* fallam da intervenção europeia que tanto desejavam ha um anno.

«Já não necessitamos de tal intervenção,—dizem,—porque bastamos para levar a bom termo a lucta contra os nossos inimigos. Que sollicitem os inglezes esta intervenção, que bem necessitam d'ella.»

«Estou portanto intimamente convencido de que uma intervenção a favor dos boers seria uma ponte de ouro que facilitaria a retirada dos inglezes.»

SCIENCIAS & LETTRAS

Época neolithica

—

Acreditou-se por muito tempo que entre a época recente e a época quaternaria existia um verdadeiro *hiatus*. Julgaram até alguns geologos que o nosso solo tinha ficado algum tempo deshabitado, por os povos da idade do rangifer o terem abandonado, emigrando pouco a pouco para o norte, perseguidos por flagellos destruidores. Hoje estas ideias estão quasi completamente postas de parte, e sabe-se que, por exemplo, a raça de Cro-Maguon era representada na época neolithica por uma população mais densa do que anteriormente.

No estado em que os nossos conhecimentos se encontram, não é, todavia, menos verdadeiro que o fim dos tempos quaternarios e o principio dos tempos modernos estão marcados por um periodo obscuro que, occultando-nos as transições, dá á passagem dos primeiros para os segundos a apparencia d'uma mudança á vista.

Não houve no clima variações bruscas cuja importancia sufficientemente explicasse essa mudança. Tudo o que a este respeito se póde dizer é que, em consequencia da elevação geral da temperatura, da fusão mais rapida das geleiras, houve innundações frequentes e periodicas.

A espessura de certos depositos faz suppôr até que as chuvas se tinham tornado mais abundantes do que hoje o são. Eis tudo.

Todavia, as cavernas deixam bruscamente de ser habitadas, para já não servirem senão de sepulturas ou de estacionamentos, e o rangifer parece desapparecer de repente por completo.

Esta desapparição, não tão brusca, sem duvida, como o leva a acreditar o abandono das cavernas como habitações, teem tentado explicá-la pela domesticação d'este animal, no fim dos tempos magdalenianos. Para M. Piette, não ha argumentos decisivos contra a domesticação. E, diz elle, desde o começo da época caracterisada pelos arpões imperfurados, o homem tinha, senão domesticado, pelo menos familiarisado alguns animaes. As gravuras encontradas em Laugerie e em Gourdan não lhe deixam duvida alguma a tal respeito. N'uma pedra que faz parte da collecção de M. de Vibraye estão gravados os *amores do rangifer*: o macho tem um cabresto. Um outro desenho da mesma collecção representa um boi ou um aurochs com uma especie de coberta sobre as costas. Em Gourdan recolheu a gravura d'um boi tendo egualmente sobre as costas o que quer que seja que se parece com uma coberta de couro. Emfim, a gravura da *mulher do rangifer*, descoberta pelo abbade Landesque e publicada nos *Materiaes para a historia do homem*, parece-lhe um argumento sem réplica. Esta mulher, diz elle, retida perto da tenda pelo seu adeantado estado de gravidez, parece querer entregar-se ao vicio da bestialidade. E' ir um pouco longe no dominio das conjecturas. Elle mesmo o reconheceu n'uma carta que teve a amabilidade de me escrever depois de apparecer a primeira edição; mas ha outros indicios que provam a favor da sua opinião. Os archeologos contrarios a este modo de vêr fundam-se, sobretudo, na ausencia do cão, que é incontestavelmente o animal ha mais tempo domesticado e que era necessario para a domesticação dos outros animaes, e no facto de, em geral, se não encontrarem nas cavernas todas as partes do corpo do rangifer. Estas razões póde m parecer decisivas.

Todavia, no caso da opinião de M. Piette ser fundamentada, a desapparição completa do rangifer explicar-se-ia facilmente. Como no fim dos tempos magdalenianos elle se não mantinha já senão á custa dos cuidados do homem, quando este o abandonou por causa das difficuldades crescentes da sua creação e das maiores vantagens que lhe offerecia a das cabras, dos bois e dos cavallos, pereceu immediatamente.

Mas não poderiamos dizer se a desapparição do rangifer coincide exactamente com o momento preciso da introducção dos animaes domesticos. Parece, pelo contrario, que houve um periodo em que a vida lhe foi particularmente difficil, e o homem, privado d'um, não teve logo o soccorro dos outros. As planicies do Norte, a Dinamarca, a Suessia,... tendo-se, por fim, tornado habitaveis, attrahiriam o rangifer e as populações ainda vagabundas que viviam com elle. D'aqui, talvez o ellas emigrarem parcial e rapidamente, perseguidas por algum povo conquistador vindo de Leste. Depois, bruscamente ou não, foram introduzidos os animaes domesticos e a nova industria, que déram á nova época um caracter inteiramente differente do da antiga. Esta nova fauna, completamente submettida ao homem, a cultura de certas plantas, o abandono das cavernas pela occupação de posições defensivas nas orlas dos planaltos e pelas habitações lacustres, etc., transporta-nos a um mundo que já não tem nada de estranho, de surprehendente ou de mysterioso. Tudo ahi nos revela um meio cada vez menos differente do nosso. Estas mudanças devem-se, certamente, segundo parece, á vinda d'um povo guerreiro, mais adeantado em civilisação.

(Continúa).

ZABOROWSKI.

QUATORZE ESPOSAS—UM VERDADEIRO HAREM

Os jornaes do Mexico relatam ter sido preso em Phenix, capital de Arizona, accusado de polygamia, um engenheiro hespanhol chamado Julio Castellanos.

Este D. Juan contraiu matrimonio nada menos de quatorze vezes; a ultima, com uma formosissima senhora de Arizona, D. Mercedes Pacheco, filha d'um rico agricultor d'essa região mexicana.

Depois d'um anno de casada descobriu a decima quarta esposa de Castellanos que existiam as outras treze antecessoras no thalamo do voluvel engenheiro. Deu parte immediatamente á policia de Arizona e esta apoderou-se do polygamo, entregando-o aos tribunaes.

No decorrer do processo averiguou-se que durante os onze annos que esteve na America o engenheiro se casou civil ou canonicamente quatorze vezes consecutivas.

A sua primeira esposa e a unica legal vive n'El Paso, Texas, onde Castellanos, que então tinha ali um logar, a veiu conhecer em 1889, casando-se com ella no anno immediato.

Viveram seis mezes juntos, e passado esse periodo a sua profissão chamou o engenheiro a Casas Grandes, Chihuahua, onde pouco tempo depois contraía matrimonio canonico com uma formosa e remediada menina da localidade.

Decorrido um certo tempo Castellanos foi para Willoks, na fronteira dos Estados-Unidos, e conheceu alguma menina empregada n'um escriptorio. Dois mezes depois casava-se com ella, deixando-a abandonada depois de quatro semanas de vida conjugal.

Desde então, em cada uma das cidades onde o levaram os seus negocios, buscou e encontrou uma nova victima, tendo sempre a felicidade de nenhuma proceder contra elle judicialmente.

Por este simples meio conseguiu Castellanos não só desfructar uma comprida e variada lua de mel, mas ainda reunir uma fortuna importante, pois a maioria das esposas eram ricas.

Das esposas do engenheiro oito são mexicanas, uma hespanhola, outra italiana e quatro *yankees*.

Thesouro dentro de um colchão

Contam a folhas hespoanholas que em Saragoza, marido e mulher foram comprar um colchão usado a um adelo.

Ao abril-o quando chegaram a casa, qual não foi a sua surpreza ao encontrarem dentro d'elle 6:000 duros, perto de 6 contos!

Um correspondente, dando noticia, d'este successo, diz:

«A alegria da pobre familia é indescriptivel e todos os visinhos celebram um achado que tirou da miseria uma familia em externo necessitada.»

Uma garrafeira em leilão

Segundo se diz, proceder-se-ha nos fins do proximo mez de julho á arrematação da garrafeira da fallecida rainha Victoria. Entre os vinhos que serão postos em leilão, são dignas de nota especial 60:000 garrafas de Xerez, compradas ha muitos annos, e que estão armazenadas nas adegas de varias residencias reaes.

D'Aveiro e aldeias visinhas irão á arrematação alguns taberneiros... para lançar.

A mulher, segundo os padres da Egreja

«Que soberana peste a mulher!

Ella é a causa do mal, o auctor do peccado, a porta do inferno, a fatalidade das nossas miserias.»

S. João Crysosthomo.

—✲—

«Cabeça do crime, arma do diabo; a sua voz é o silvo da serpente.»

Santo Antonio.

—✲—

«A mulher é uma burrica manhosa, uma hedionda tenia que elege sêde no coração do homem; filha da mentira, inimiga jurada da paz.»

S. João Damasceno.

—✲—

«E' preferivel ouvir o silvo do basilisco a ouvir o canto d'uma mulher.»

S. Cypriano.

—✲—

«A mulher é semelhante ao escorpião, sempre prompto a picar.»

S. Boaventura.»

—✲—

«A mulher é o dardo do diabo.»

Santo Eusebio.

—✲—

«A mulher não tem o senso do bem».

S. Gregorio Magno.

—✲—

«A mulher é a porta do demonio, o caminho da iniquidade; emfim uma perigosa especie;... cortemos pelas raizes a arvore esteril do casamento.»

S. Jeronymo.

—✲—

O concilio catholico de Mâcon decidiu apenas por 3 votos de maioria que a mulher tinha alma.

Um doido... com juizo

Ha dias foi posto em observação no hospital maritimo de Cherbourg um artilheiro de marinha. O homem, que soffria de loucura mansa, foi mettido n'uma cella do pavilhão dos doidos, sob a vigilancia de dois enfermeiros, a quem elle principiou a divertir fazendo pequenas sortes de escamoteação.

Mais tarde, ganhando a confiança dos seus guardas, participou-lhes que ia fazer uma *sorte* da maior importancia.

— Ponham, disse-lhes elle, todo o dinheiro que tiverem dentro d'esta caixa, que eu faço-o apparecer na meza da cella visinha.

Os enfermeiros entregaram ao doido uns 19 francos que possuiam e, no momento em que ia fazer a *sorte*, o artilheiro observou-lhes:

— Não devem vêr como eu faço a coisa. Entrem um minuto para a minha cella.

Apenas os guardas entraram, o doido puxou com toda a força a porta e fechou-os lá dentro. Depois, galgando o muro da cêrca do hospital, despindo a roupa da casa e a camisa de forças, fugiu.

Só á noite, já muito tarde, é que a ronda, ouvindo os gritos dos dois enfermeiros, os foi libertar. Quando elles contaram a desagradavel mystificação de que tinham sido victimas, o fugitivo foi activamente procurado, mas, á data das ultimas noticias, ainda não havia sido descoberto.

Hymno do 1.º de Maio

Quem vem lá?... Quem os mysterios
rasga da noite e o pavor?...
Quem faz caixões aos Imperios,
com taboas de Fome e Dôr?
Que enorme exercito inteiro
se aproxima, e que rumor?
Quem é o tôrvo carpinteiro?...
Quem é o tôrvo rachador?...

Hurrah! hurrah!-respondem mil echos;
Hurrah! hurrah!—o Trabalhador!

Quem, chorando, fia, fia...
magros filhos em redor,
a toalha para a Orgia,
o lençol ao Imperador!...
Quem seus filhos nús enterra,
mortos sem pão, cavador?
Quem melhor rêza na terra
a ladainha da Dôr?...

Hurrah! hurrah!-respondem mil lagrimas!
Hurrah! hurrah!—o Trabalhador!

Faz hoje annos que na França,
Oh! que lucto de rigor!
n'uma luctuosa matança
correu sangue de valor...
Este sangue ao orbe inteiro
brada Justiça! em clamor...
Quem será o Justiceiro?...
Qual o braço vingador?

Hurrah! hurrah!—acenam mil braços..
Hurrh! hurrah!—o Trabalhador!

Quem vem lá no nevoeiro,
com tão rico resplendor?
Que estranho exercito inteiro!...
diz, com medo, o Imperador
Quem faz turbar meus saraus?
brada o rico mau senhor:
Que vem subindo os degraus?
Quem me faz mudar de côr?

Hurrah! hurrah!—respondem mil gritos...
Hurrah! hurrah!—o Trabalhador!

Gomes Leal.

Novo sanatorio para tuberculosos

Está se organisando uma sociedade com capitaes portuguezes para a fundação e exploração d'um sanatorio para tuberculosos ricos.

O modello é o de um dos mais afamados do estrangeiro, com todos os mais recentes aperfeiçoamentos aconselhados pela sciencia.

O local ainda não está definitivamente escolhido. Presume-se que será escolhida a serra da Louzã, onde ha pontos de exposição privilegiada.

Para director technico do mesmo, indigita-se o nome do sr. dr. B. de Sousa Teixeira, que é um dos que mais apaixonadamente se tem dedicado ao estudo de doenças pulmonares.

Jayme Duarte Silva
ADVOGADO
R. DO SOL—AVEIRO

(93) FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

—

CAPITULO XXVIII

—Era menos d'ella do que do principe João que eu queria fallar, continuou elle; e desejava saber alguma coisa do meu fiel escudeiro: porque não está elle junto a mim?

—Deixae-me usar da minha auctoridade como medico, respondeu Rebecca, e intimar-vos o guardardes silencio e a evitardes inquietações d'espirito, emquanto eu vou instruir-vos de tudo o que desejaes saber. O principe João mandou bruscamente interromper as festas do torneio e dirigiu-se a toda a pressa para York com os nobres, cavalleiros e ecclesiasticos pertencentes ao seu partido, depois de juntar todo o dinheire que poude haver, de bom grado ou á força, de quantos teem fama de ricos n'estes sitios, segundo se diz, o seu intento é usurpar a corôa de seu irmão.

—Não sem correr sangue em sua defeza, disse Ivanhoé, erguendo-se no leito,—ainda que não houvesse senão um vassallo fiel na Inglaterra! Eu defenderei os direitos de Ricardo contra o mais valente dos seus inimigos,—contra um ou contra dois, pela legitimidade da sua causa.

—Mas para que sejas capaz de o fazer, disse Rebecca pondo-lhe uma mão no hombro, precisas de cumprir agora as minhas indicações e de estar quieto.

—Tens razão, donzella, disse Ivanhoé,—tão quieto como permittem estes tempos inquietos. E de Cedric e dos seus?

—Ha pouco veio cá o seu mordomo a toda a pressa, respondeu a judia, pedir a meu pae uma certa somma, preço de lã dos rebanhos de Cedric, e por elle soube eu que Cedric e Athelstane de Coningsburgo deixaram o banquete do principe João muito zangados e que se preparavam para regressarem a suas casas.

—Ao banquete não foi uma dama com elles? perguntou Ivanhoé.

—*Lady* Rowena, disse Rebecca, respondendo á pergunta de um modo mais preciso do que aquelle em que ella fôra feita,—não foi ao banquete do principe, e, segundo nos referiu o mordomo, deve agora ir a caminho de Rotherwood com o seu tutor Cedric. E pelo que diz respeito a Gurth, o vosso fiel escudeiro...

—Ah! exclamou o cavalleiro, tu sabes o seu nome? Mas, agora me lembro, accrescentou elle immediatamente, deves conhecel-o bem, porque estou agora convencido que foi das tuas mãos e da tua generosidade que elle recebeu ainda hontem cem sequins.

—Não fallemos d'isso, disse Rebecca, córando subitamente. Vejo que a lingua revela facilmente o que o coração tem prazer em occultar.

—Mas, disse Ivanhoé gravemente, a minha honra exige que eu restitua essa somma d'ouro a teu pae.

—Em passando oito dias farás o que quizeres, disse Rebecca; por agora não deves pensar nem fallar em coisa alguma que possa demorar a tua cura.

—Assim seja, generosa donzella! disse Ivanhoé! eu seria muito ingrato se discutisse as tuas ordens. Mas só mais uma palavra a respeito do pobre Gurth e não te farei mais perguntas.

—Tenho pena em dizer-te, *sir* cavalleiro, respondeu a judia, que elle está preso por ordem de Cedric.—E observando a impressão dolorosa que esta communicação produziu em Wilfredo, accrescentou logo:

(Continua.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó verniizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de alugar, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—*AVEIRO*

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Carimbos de borracha

NOVA MERCEARIA
GENEROS
ALIMENTICIOS
DE PRIMEIRA QUALIDADE
ARMANDO GOMES
34 LARGO DA RIA 40
AVEIRO

OS MAIS NITIDOS, PERFEITOS E DURAVEIS

Para industriaes, commerciantes, particulares e repartições publicas.

Fazem-se com promptidão e por preços modicos, na officina de guarda-soes e candieiros, de

M. J. Soares dos Reis

19—R. dos Mercadores—23

AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

traducção de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume **300**

A' venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

ALMANACH HACHETTE

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

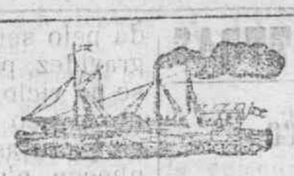
Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.



BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil

Passagens de 1.ª 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

AFRICA OCCIDENTAL

em 1 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira.

82—Praça da Batalha—PORTO

(Em frente ao governo civil)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SÓ A DINHEIRO

CONFECÇÕES!

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil, passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes, a preços reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e Lisboa.

As passagens tomadas n'esta agencia gosam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas companhias aos srs. passageiros; tambem se sollicitam passaportes e trata-se de obter no Porto e nas provincias todos os documentos necessarios para os mesmos.

Passagens gratis

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 28 de maio e 13 de junho.

Para mais esclarecimentos, dirigir aos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

Africa Occidental

Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

ABEL, PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO